**O VISÍVEL E O INVISÍVEL EM “O PRÍNCIPE FELIZ”**

Willian Ferreira Furtado de Lacerda – Aluno-bolsista

Jeová Rocha de Mendonça – Coordenador

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – DLEM

Programa de Licenciatura - PROLICEN

**RESUMO**

Para melhor entendermos o que é cultura, tenhamos em mente que a humanidade vem construindo, desde os tempos primitivos, formas diversas de comunicação e expressão. Cada sociedade, então, desenvolve suas próprias características que por vezes a diferem de outras sociedades. Nesse cotexto, Santos (2006, p. 7, grifos nossos) afirma que “o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de **organizar a vida social**, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, **de conceber a realidade e expressá-la**”.

O primeiro trecho grifado acima visa mostrar o quão próximos são os termos “cultura” e “sociedade”. O segundo grifo busca enfatizar a expressão da realidade, assumida constantemente pela arte e, por conseguinte, pela literatura. Wellek & Warren (1955) estreitam as relações entre literatura e sociedade como uma consequência “natural”, já que as obras literárias são empreendidas em meio a um contexto social.

Em se tratando de obras literárias cujo conteúdo aborda temas sociais, podemos voltar a atenção para os contos de fada, pois conforme afirma Coelho (1998), embora suas narrativas sejam desenvolvidas geralmente no cotidiano mágico, o eixo gerador do conflito em sua narrativa fundamenta-se em uma problemática social.

Coelho (1998) e Ceia (2012) confirmam que os contos de fadas não foram concebidos inicialmente para crianças, haja vista a complexidade e essência das obras, com finais infelizes e de cunho social e aparentemente inocente, porém crítico. Logo, os contos de fada podem ser analisados com fins de se entender a realidade de determinada sociedade.

Aqui, cabe acrescentar que há uma aceitação por parte de estudiosos de que as fadas surgiram no seio dos povos celtas que, por não terem espírito guerreiro, atuaram no processo de transformação da cultura ocidental de forma silenciosa, através de seus valores espirituais ou religiosos e de sua inteligência e prática criadora. Os celtas entraram em contato com diversos povos, o que explica a enorme difusão de sua cultura, com a exaltação do imaginário.

Podemos, então, citar Oscar Wilde como um artista que, valendo-se da magia dos contos de fada, denunciou diversas características da sociedade em que viveu: a sociedade vitoriana. Para tanto, Wilde trazia consigo uma carga cultural herdada dos pais, que foram grandes contribuintes para a coleção do folclore céltico: seu pai era recontador de folclore e superstições irlandesas e sua mãe era uma poetisa patriota que escreveu importantes obras sobre a fé céltica em fadas e também sobre o folclore coletado pelo marido e por ela própria.

Além da influência materna, a atração de Wilde pelos problemas da sociedade talvez se justifique pelo seu desenvolvimento em meio à sociedade inglesa vitoriana. Sob o comando da Rainha Vitória, esta sociedade viveu, conforme afirma Santana (2013), o auge da industrialização e da política colonial fazendo com que o Império Britânico se transformasse na mais importante empresa planetária, provendo os centros globais com suas produções industriais. Além do enriquecimento da classe burguesa da Inglaterra, a era vitoriana se caracterizou também pela rigidez de princípios moralistas e por uma típica solidez política. Entretanto, foi intensa a confluência de bens nas mãos de poucos (dos burgueses), e a consequente opressão dos trabalhadores, que pagaram as contas desta fartura econômica.

Assim, Wilde presenciou o desencadear dos fatos da época e viu, por um lado, o progresso proporcionado pela Revolução Industrial e, por outro, os impactos negativos que esta causou na sociedade. Dá-se para imaginar, portanto, a intenção de Wilde em denunciar as desigualdades sociais que, entre outros fatores, pode ser entendida como consequência da Revolução Industrial iniciada na Inglaterra. A propósito do conto de fadas de Wilde, “O Príncipe Feliz”, o *blog* “Construindo Victoria” aponta para uma severa censura social no tecido narrativo deste conto: o monumento do príncipe erigido pelos governantes e admirado pelo povo de sua cidade pretende-se como símbolo do pensamento desta mesma sociedade. Sua mensagem é bastante clara: seja rico e belo, e serás feliz. Porém, no interior da bela estátua encontra-se a alma do falecido príncipe, infeliz, mas decidida a se redimir de sua vida, anteriormente egoísta e individualista.

Nesse contexto, Samuel (1998, p.14-15, grifos nossos) esclarece:

Como parte da sociedade, a literatura está *imanente* à realidade (está nela). Mas como ficção, como imaginação, ela transpõe essa imanência, criando uma outra realidade possível para opor à realidade concreta. Essa oposição é uma negação da realidade, para opor à realidade uma outra possível, por exemplo mais humana ou menos violenta, por exemplo não dividida em classes.

A literatura como ficção é quase autônoma da realidade. **Ela denuncia a realidade de fora** [...]. A literatura desrealiza a realidade, para quebrar o monopólio da realidade em definir e questionar o que é real, porque a realidade concreta está mascarada, mistificada, alienada. O homem na sociedade não é livre e vive em uma realidade distorcida e alienada. Ou seja, o literário assenta na divergência entre a essência e a aparência; o que a sociedade considera como real é essa aparência da realidade, que é falsa, mas que é tomada como verdadeira.

[...] A arte, porque imaginativa, é autônoma da realidade, **mas a realidade continua presente no mundo autônomo da arte como base**.

Assim sendo, a literatura, manifestação artística do atributo cultural de uma sociedade, adquire um papel de denúncia social daquilo que é observável na vida real, sem, no entanto, apontar diretamente para situações pontuais “verdadeiras” visto que aparentemente a relação entre a arte e a realidade é apenas uma alusão possível de ser feita. Portanto, os fatos da vida real denunciados pela literatura ficam no plano do invisível, do não-dito que pode ser observável pela interpretação. Note-se que essa invisibilidade da denúncia feita pela literatura sugere o título do presente trabalho.

A denúncia social presente na literatura pode estar transcrita tanto em situações próximas da realidade, possíveis de realização, como pelo sobrenatural, muito verificada nos contos de fada e maravilhosos. Partindo dessa ideia, Coelho (1998, p. 78-79) afirma que:

No folclore escandinavo, tal como no da Bretanha, Irlanda, Escócia, Germânia... o sobrenatural desempenha um papel absoluto. Nele inexiste aquela razão disciplinadora.

[...] Todo esse mundo mágico ou sobrenatural [...] expressa, no nível do *sonho* ou do *imaginário*, as lutas e paixões que o ser humano enfrenta no mundo real, para encontrar aí o seu lugar verdadeiro ou para alcançar sua autorrealização.

Dessa forma, a arte expressa uma realidade própria cujo fim pode ser “manipulado” pelo artista, conferindo-lhe autonomia em relação à realidade. A propósito dessa temática, Samuel (1998, p. 16) nos diz que “somente quando a arte obedece à sua própria lei de autonomia contra a realidade é que ela não só preserva a sua verdade, como também torna consciente a necessidade de mudar o mundo”.

Ao denunciar os fatos sociais em uma obra literária, o artista induz o leitor/ouvinte a uma postura avaliativa que contribui para a formação moral do indivíduo. Fazendo isso, a “mudança do mundo” citada anteriormente seria proporcionada pela “inserção” de valores individuais naqueles que tem contato com a obra literária. Em “O Príncipe Feliz”, essa necessidade de mudar o mundo teria início por uma conciliação entre duas atitudes: a da gestão pública perante os problemas sociais e a das pessoas em relação aos bens materiais, ambas muitas vezes mesquinhas na vida real e denunciadas por Wilde no conto em análise.

Diante do exposto, entendemos que o estudo em sala de aula do conto supracitado possibilitará a exploração de temas como a pobreza, a humildade, o egoísmo, companheirismo etc. que, embora tenham sido tratados no conto há mais de um século, mostram-se notadamente atuais e que muito podem contribuir para a conscientização dos alunos no que diz respeito à formação ou até mesmo à revisão de seus valores morais, do seu modo de enxergar a vida.

Reforçando essa ideia, o *blog* “Construindo Victoria” afirma “O Príncipe Feliz” como um conto cuja faceta muda a cada leitura e que se mantém atual após mais de 120 anos de publicação. É dito, ainda, como essencial por falar da natureza humana e de suas máscaras mais primordiais, podendo em poucas páginas mudar a perspectiva do leitor e sua maneira de pensar. O objetivo em trazer este conto para sala de aula dos alunos do 8º ano da Escola Sesquicentenário é promover uma discussão dos caminhos de leitura e interpretação de seu texto de modo que o aluno seja capaz de avaliar criticamente o contexto socioeconômico e cultural da sociedade vitoriana denunciada por Wilde, comparando-o às características de nossa atual sociedade. Em última instância, pretende-se, assim como o fez o príncipe feliz, uma autoavaliação diante dos descaminhos da sociedade moderna ante os menos favorecidos socialmente.

**REFERÊNCIAS**

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. 3. ed. São Paulo: Átia, 1998.

CONSTRUINDO VICTORIA. **Contos Essenciais:** O príncipe feliz (Oscar Wilde). Disponível em: <<http://construindovictoria.wordpress.com/2012/08/18/contos-essenciais-o-principe-feliz-oscar-wilde/>>. 18 ago 2012. Acesso em: 29 set. 2013.

SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTANA, Ana Lucia. **Era Vitoriana**. Infoescola.com. 2013. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/era-vitoriana/>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** 12. reimpr. da 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. 5 ed. Trad. José Palla e Carmo. Publicações Europa América LTDA, 1955.